



# A rasura poética de Eugénio de Andrade

Carlos Quiroga

Acredito no parecer de Joaquim Manuel Magalhães que empregou o termo de rasura para definir o critério global da prática poética de Eugénio de Andrade. *Rasura* das diferenças para atingir a cintilação. Rasura do quotidiano para referir as raridades ocasionais. Rasura da sordidez dos corpos para os apreender na totalidade do imaginário sentimentalmente puro. Também foi o primeiro que avisou sobre o risco de tanta exaltação acerca da obra do último empurrar para umha alarmante situação: a de transformá-lo no poeta oficial daqueles que nom reconhecem os poetas maioritários, nem os poetas feitos pola publicidade apenas. Porque a insistência na veneração foi colocando-o de longa data na linha inquietante dos homenageáveis que se deixam homenagear ainda em vida: "Há demasiado presente no futuro que lhe desejam", escrevia. Qual será o futuro desse futuro que já chegou, para um Eugénio de Andrade agora em morte?

Foi na madrugada deste 13 de Junho, festa do Santo António em Lisboa. Já disse noutra parte que em 1231 os meninos correram as ruas de Pádua esse dia a gritar "O Santo morreu!", e que em 2005 ninguém se teria admirado de que os meninos do Porto corressem as suas ruas a gritar o próprio, trocando Santo por Poeta. Mas escrevo agora que ninguém se teria admirado de que o Poeta estivesse no outro lado da morte a esperar precisamente por isso. Claro que era dos poetas mais lidos e traduzidos de Portugal. Claro que era dos que não se deixou assumir por um partido nem fabricou o seu nome à custa de campanhas de jornais, bases de compra de quase toda a poesia nas últimas décadas. Mas nessa evidência levantou um certo misticismo público. No papel de sacerdote-intermediário do mundo pela poesia edificou um certo narcisismo exibido. Assim se chamava o seu primeiro poema publicado em 1935, "Narciso", depois repudiado. Assim se comportava nas calculadas saídas que fazia, nas poucas entrevistas que dava (vid. a entrevista de Luzes de Galiza, 8-9, por exemplo).

Ninguém vai negar a Eugénio de Andrade um lugar principal no friso das figuras canónicas do período pós-Pessoa. Muitos desses nomes vão sendo descobertos e ficando essenciais para a poesia europeia do século XX. Muitos desses nomes vão ser admirados no mundo todo num prazo breve. Mas Eugénio de Andrade ganhou umha visibilidade imediata e precipitada desde há bastante tempo, de modo que estamos convencidos de o friso dos Herberto Helder, Ruy Belo, Sophia de Mello, Jorge de Sena, Ramos Rosa, Ana Hatherly, Mourão-Ferreira, Cesariny, Alexandre O'Neill, Rui Cinatti, Manuel Alegre, Alberto Pimenta, Fiama, Luiza Neto Jorge, Pedro Tamen, Gastão Cruz, Fátima Maldonado, Graça Moura, Fernandes Jorge, Franco Alexandre, Joaquim Manuel Magalhães, Al Berto, Nuno Júdice, Helder Moura Pereira, e tantos outros, muitos ainda em activo..., convencidos de nesse friso levantar-se a admiração do futuro por Eugénio de Andrade com outros motivos dos que neste presente o levantam. Mas, na hora da morte do autor, autor que certamente atingiu na obra o mais alto depuramento da escrita, o mais honrado é só honrá-lo a ele, e honrar esses motivos presentes.

Eugénio de Andrade nasceu na província de Beira Baixa em 1923 com o nome civil de José Fontinhas, um nome que desde "Adolescente" (1942) abandonou para assinar os livros. A cidade do Porto acolheu e mimou o poeta desde 1950, do que é demonstração a Fundação que leva o seu nome. Aí se promovem actividades culturais em que também da Galiza, e da mão do seu presidente Arnaldo Saraiva, estivemos nalgum momento presentes. E bem a propósito, porque a Poesia Galega do último quartel do século passado, em especial a partir dos anos 80, no seu giro depurador da língua, na depuração que se vai rever constantemente na escrita em português, achou em Eugénio de Andrade um constante referente. Em muitos dos poetas da demarcação viguesa (Baixeras, Cáccamo, Vilanova, Forcadela, Eusébio Lourenço, Anjo Quintela, Ranha, Paulino Vázquez, Ramiro Fonte), como na demarcação corunhesa (Júlio Valcárcel, Seoane, Palharês, Fernám Velho, Rivas, Devesa, Salinas, Mato, Braxe, Pereiro), como ainda em figuras isoladas ou denominação de origem menos pura, a leitura

das obras do português tem sido mesmo explícita e confessa na produção própria. Para além de Eugénio de Andrade ter sido convidado nesses anos à Faculdade de Filologia em Compostela, onde muitos estudáram, ou passar por encontros pessoais com poetas desta terra, como o de Poesia na Corunha que possibilitou a entrevista de Luzes acima referida.

A fortuna galega não tem, contudo, especial relevo nobilitante, pois a consagração chegou-lhe ampla e cedo a Eugénio de Andrade, praticamente com o primeiro livro de poemas, *As Mãos e os Frutos*, 1948. Hoje a lista das suas obras

é dilatada, e entre elas: *Os Amantes sem Dinheiro*, 1950; *As Palavras Interditas*, 1951; *Coração do Dia*, 1958; *Mar de Setembro*, 1961; *Ostinato Rigore*, 1964; *Obscuro Domínio*, 1971; *Véspera de Água*, 1973; *Limiar dos Pássaros*, 1976; *Memória doutro Rio*, 1978; *Matéria Solar*, 1980; *O Peso da Sombra*, 1982; *Vertentes do Olhar*, 1987; *Contra a Obscuridade*, 1988; *Rente ao Dizer*, 1992; *Ofício de Paciência*, 1994; *O Sal da Língua*, 1995, entre outros. Do seu discurso poético afirmou Óscar Lopes que evidencia um paraíso puramente terrestre, emanado do desejo e perceptível desde a simples transparência

dos ritmos frásicos orais, desde a conotação de um léxico severamente escolhido e sobre o qual opera um permanente movimento de metáfora, aparentemente modulador de imagens diversas para um mesmo conjunto de elementos fundamentais: a terra densa com os seus frutos e corpos; a água fluvial ou marinha; o ar ou tudo o que há de volátil; o fogo, o ardor, ou mesmo a luz pura de um Abril adolescente, de um Verão firme, de um Outono dourado que se reencontra, que se prolonga na perduração juvenil.

Mas essa poesia foi excessivamente referida como solar. Essas imagens elementares recebem umha complexidade de gamas, inclusive humorais, eufemísticas, polimórficas, em ritmos e conteúdos, que dificilmente podemos resumir. Insistiu-

se no desejo de luminosidade como consequimento de plenitude mas foi-se esquecendo quanto essa claridade era, por vezes, mais desejo que consequimento. Do conjunto da sua obra, desligada tanto dos maneirismos vanguardistas do pós-guerra como dos compromissos ideológicos imediatos e predominantes noutros autores (os de Neo-realismo e Surrealismo português de meados de século passado, nomeadamente), pretenderam lançar pontes sobre a 'Generación del 27' (e podemos apontar particularmente a Cernuda, cujo desbordamento metafórico

evitou), o que pode servir de referência ao leitor mais dominado pela impronta hispanista.

O futuro póstumo durante tanto tempo preparado para este poeta chegou. O funeral de José Fontinhas foi realizado no dia 14, terça-feira, e o corpo mortal sepultado no cemitério do Prado do Reposo. O outro corpo, o etéreo e da fama, ocupa finalmente todo o espaço e todo o tempo para que tam predispostos ambos vinham. Morreu Fontinhas, nasceu Eugénio de Andrade, rasurado definitivamente este do corpo de 82 anos de aquele que até hoje o acompanhou. A separação deveu ser pacífica. Porque anunciada.

